

## **PEQUENOS GRUPOS MISSIONÁRIOS: MÃOS, BRAÇOS OU CORPO DE CRISTO?'**

Paulo Felipe Teixeira Almeida<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo visa refletir sobre aspectos relativos aos chamados Pequenos Grupos junto às igrejas locais. A ênfase desta pesquisa prioriza a realidade de tradição cristã evangélica: histórica e contemporânea. Propõem-se algumas definições e conceituações sobre Pequenos Grupos e como estes foram e são percebidos dentro das comunidades de fé. Esta pesquisa, por meio do método bibliográfico, almejou perceber a importância e a dinâmica dos ambientes relacionais na realidade eclesial. Buscou-se verificar o vínculo entre os Pequenos Grupos e saudáveis relacionamentos dentro da rotina das igrejas locais. Além disso, existiu a expectativa de tentar identificar, através do que se denominou "*Pequenos Grupos Missionários*", oportunidades de inserção da igreja na realidade urbana e sua interação transformadora na/com a cidade.

**Palavras-chaves:** Pequenos Grupos. Missões Urbanas. Missão da Igreja. Cristianismo. Trabalho de Grupo na Igreja.

<sup>1</sup> Trecho do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Teologia/Missão Urbana para obtenção do grau de Especialista em Teologia (Faculdades EST) - PPG - Programa de Pós-Graduação - São Leopoldo/RS (2011).

<sup>2</sup> Licenciado em Pedagogia (ULBRA). Bacharel em Teologia (EST). Pós-Graduado (Lato Sensu) em Teologia/Missão Urbana (EST). Aluno do Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST. E-mail: prfelipteixeira@gmail.com.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on the relative aspects of Small Groups affiliated to local churches. The emphasis of this research prioritizes the reality of the evangelic Christian tradition: historic and contemporary. Some definitions and concepts are proposed about Small Groups and how they were and continue to be perceived within communities of faith. This research, through the bibliographical method, craved to notice the importance and dynamics of the interactive environments of the ecclesiastic reality. It sought to verify the connection between Small Groups and healthy relationships within the routine of local churches. There also existed the expectation to attempt to identify, through what was called “Small Missionary Groups”, opportunities to integrate the church in the urban reality and have its interaction in/and with the city be transformative.

**Keywords:** Small Groups. Urban Missions. Church Missions. Christianity. Church Group Work.

## INTRODUÇÃO

Quando se pensa em dimensão temporal, nada supera a expectativa gerada sobre o tempo de existência de Deus. “Antes de formares os montes e de começares a criar a terra e o Universo, tu és Deus eternamente, no passado, no presente e no futuro” (Salmo 90.2). Quando se pensa em potencial criativo, nada supera a Deus: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1.26). Quando se pensa em capacidade de observação, mais uma vez, Deus está sempre na dianteira: “Depois o Senhor disse: Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade” (Gênesis 2.18). Quando se pensa em capacidade para abençoar, uma vez mais, Deus é incomparável: Criou, pois, Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou [...]” (Gênesis 1.27-28). E quando se pensa em comunidade, o Deus triúno é a essência da comunhão plena, pois se manifestou na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme salienta literatura sobre os princípios batistas:

A doutrina da trindade ou da triunidade divina significa que Deus manifestou-se na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O termo triunidade não existe na Bíblia, mas é usado para referir-se à plenitude divina na qual Deus existe e se manifesta em três pessoas, como diz nossa Declaração Doutrinária: ‘Em sua triunidade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas, mas sem divisão

em sua essência'. A doutrina é apenas um esforço para mostrar uma verdade bíblica: o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.<sup>3</sup>

E assim, quando se pensa em vida em comunhão, Deus nos encoraja para tanto: “Como é bom e agradável que o povo de Deus viva unido como se todos fossem irmãos” (Salmo 133.1). E, mais do que definição técnica, teológica ou doutrinária, a exposição do tema, por Leonardo Boff, soa-nos poesia sobre a comunhão:

No princípio está não a solidão do Um, de um Ser eterno, sozinho e infinito. Mas, no princípio, está a comunhão dos três Únicos. A comunhão é a realidade mais profunda e fundadora que existe. É por causa da comunhão que existem o amor, a amizade, benquerença, e a doação entre as pessoas humanas e divinas. A comunhão da santíssima Trindade não é fechada sobre si mesma. Ela se abre para fora. Toda a criação significa um descobrimento de vida e de comunhão das três divinas Pessoas, convidando todas as criaturas, especialmente as humanas, para também entrarem no jogo da comunhão entre si e com as Pessoas divinas. O próprio Jesus bem o disse: ‘Que todos sejam uma coisa só, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti para que eles sejam em nós’ (Jo 17,21).<sup>4</sup>

Parece-nos que podemos, a partir dos textos acima, propor uma reflexão inicial. Admitindo a premissa de que Deus é um Deus triúno, ou seja, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, e que Ele foi, é, e será, conforme o Salmo 90.2, pode-se dizer que Deus e sua criação transpiram, inspiram e apontam, em todo o momento, para a comunhão, para uma outra concepção de comunidade que supõe relações de amor, partilha, doação. Este trabalho quer sugerir, então, que em Deus, primeiramente, encontramos o princípio sobre o ser e o viver coletivo ou comunitário; e, também, sugerir que este princípio possa ser (re)conhecido e, a partir daqui, denominado de “*princípio da coletividade/comunitariedade*”:<sup>5</sup> este princípio emerge da nítida impressão de uma necessidade/realidade vital que temos uns dos outros, uns para com os outros, uns pelos outros. Este princípio, portanto, que parece apresentar-se como condição

Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo?

<sup>3</sup> SILVA, Roberto do Amaral. *Princípios e doutrinas batistas*. Rio de Janeiro: JUERP, 2007. p. 86.

<sup>4</sup> BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo: Vozes, 1988. p. 29

<sup>5</sup> Ideia (*princípio da coletividade*) proferida em diversas palestras e pregações realizadas pelo autor, nos últimos anos de atividade ministerial. Por enquanto, tenho usado o termo sempre aludindo à ideia de que em Deus, especificamente, na combinação de conceitos teológicos como trindade, eternidade, humanidade como imagem e semelhança do Deus triúno, encontramos razões do porquê refletimos/reproduzimos esta necessidade/realidade relacional em nosso cotidiano. Esta pesquisa verificará se o conceito se sustenta desta forma e como trabalhá-lo na missão a partir de pequenos grupos. No entanto, conforme reflexão e posterior sugestão do professor Roberto Zwetsch (via e-mail, em 11/07/11), passo a utilizar o termo *comunitariedade* no lugar de *coletividade*.

de necessidade ou, melhor, como uma realidade física e espiritual, será auscultado, perseguido e revisado no decorrer desta pesquisa.

Vive-se uma época sufocante. Estamos expostos a diversos excessos, de informação e de insegurança, por exemplo; também vivemos muitas faltas e necessidades, de atendimento médico de qualidade para todas as pessoas, de oportunidades dignas de trabalho, de uma educação com inclusão e relevância pessoal e comunitária, isto apenas para citar o trivial. De qualquer modo, vivemos em uma época que nos deixa por vezes sem ar ou chão debaixo dos pés. Por certo, esta realidade nos empurra para condutas condicionadas, não raro reativas e, por vezes, reacionárias. De todas as reações que esta época pode suscitar, uma em especial parece evidente: há uma desconfiança generalizada.

Desconfia-se de tudo e de todos. Toma-se, antecipadamente, esta conduta como uma pseudoproteção. Isto nos afasta uns dos outros ou, quando não, restringe as relações para níveis superficiais, em um mínimo aceitável; afora isso, mantemos contatos que talvez não possam ser registrados como relacionamentos efetivos, entre os quais: as relações com vizinhos, com colegas de trabalho ou de estudos, e até mesmo com alguns familiares; com estas pessoas prefere-se a pseudoproteção da desconfiança em lugar de vínculos profundos, ou seja, quando as pessoas consideram, seriamente, umas às outras e alimentam entre si tempo de qualidade. Outra fonte que pode direcionar para relacionamentos superficiais diz respeito ao tempo, ou melhor, ao uso do mesmo. Somos pressionados, oprimidos até, para tratar de tantos temas, assuntos, compromissos e tarefas, simultaneamente, que se pode sugerir que *“tempo é a moeda mais cara da atualidade”*.<sup>6</sup> Se pensarmos nos habituais recursos naturais que conhecemos, alguns são renováveis, outros recuperáveis. Para outros, ainda, pode-se sugerir alternativas. Quanto ao tempo, no entanto, uma vez utilizado, não se recupera, não se renova e não existe alternativa para o mesmo. Temos, então, dois elementos lutando contra nossa necessidade/realidade em direção da comunitariedade ou comunhão relacional: desconfiança e uso do tempo.

<sup>6</sup> Ideia e frase proferidas em diversas palestras e pregações pelo autor em sua atividade ministerial. Ela tem como ponto de partida o compartilhar do autor no tocante a suas experiências pessoais na busca de recursos financeiros para a obra missionária dentro do contexto batista em que esteve/está inserido. Nesse contexto eclesial, o autor percebeu maior facilidade para conseguir/angariar recursos financeiros do que o auxílio direto de pessoas com o seu tempo para auxiliar na obra missionária. Há situações extremas, em que ofertas foram “aumentadas” quando o tempo das referidas pessoas fora solicitado. Ou seja, alguns preferiram - explicitamente - compensar a não entrega de tempo com mais dinheiro, ofertas maiores para determinada obra missionária. Esta experiência merece ser refletida - no entendimento do autor - teologicamente.

Neste sentido, esta pesquisa almeja perceber a importância de ambientes relacionais na realidade eclesial, que aqui são chamados de Pequenos Grupos. Estes se destinam a promover e manter saudáveis relacionamentos na vida coletiva (ou comunitária) das igrejas locais, como resposta histórica e atual para os dilemas de desconfiança e/ou o uso do tempo. Alguns questionamentos foram inevitáveis. O que é um Pequeno Grupo? Qual a sua história? Qual sua importância para a igreja local? O Pequeno Grupo pode valorizar o tempo das pessoas? O Pequeno Grupo pode incrementar a vida individual, coletiva e/ou comunitária das pessoas? O Pequeno Grupo é uma ferramenta, um ambiente ou pode ser considerado a própria igreja local em sua integralidade? Se o Pequeno Grupo puder significar resposta positiva, nestes sentidos sugeridos, pode ele ser encarado com potencial missionário/agregador/cooperador, e permitir uma abordagem inclusiva para com os relacionamentos das pessoas diante da igreja?

A expectativa é tentar identificar, por meio do que chamaremos “*Pequenos Grupos Missionários*”, oportunidades de inserção da igreja na realidade urbana e sua interação transformadora na/com a cidade.

## I. PEQUENOS GRUPOS MISSIONÁRIOS: COMO ELEMENTOS, EXPRESSÃO E SINAL AFETIVO DE CRISTO

### I.1 Pequenos Grupos Missionários como mão de Cristo

Na medida em que o assunto em questão é relacionamento, não é possível deixar de associar, aludindo aqui a saudáveis e duradouros relacionamentos, que o aperto de mão na realidade brasileira, em sua tradição e cultura, representa algo extremamente significativo. Percebe-se, facilmente, sua importância, quando da sua ausência e/ou descontinuidade; pois certo vazio se estabelece. Lembre-se, por exemplo, de crises que forçaram a ausência ou a não prática de cumprimentos em ambientes públicos/coletivos, em função de surtos/epidemias de diversos tipos de gripes, momentos em que algumas lideranças eclesiais optaram, inclusive, por orientar que se evitassem cumprimentos com apertos de mão, no genuíno e cuidadoso intuito de evitar contaminação.<sup>7</sup> No entanto, lembre-se como isso foi “anormal e estranho” para nossa rotina brasileira; em especial, nos ambientes das diversas comunidades de fé que se reuniam, mas experimentavam, a partir desta orientação ou zelo, distanciamento uns dos outros.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2610078.htm>. Acesso em 07/08/10.

### 1.1.1 O aperto de mão - nos contatos pessoais, a ferramenta para relacionamentos saudáveis e duradouros

O toque ou imposição das mãos, sem dúvida, representou nas descrições bíblicas sobre a vida e ministério de Jesus apreço e afeto (simples, mas não simplório) com os quais Cristo declarava amor pelas pessoas. Com o toque das mãos, Jesus se importou com elas: curando, acalmando, salvando, abençoando. Pode-se perceber nisto a afeição do Deus que se fez ser humano, como também seu desejo de perceber-nos e ser percebido. Como escreve a teóloga Sherron K. George:

Cada cultura tem maneiras de reconhecer a presença da outra pessoa. Em muitas culturas, o respeito começa com o olhar que reconhece a existência da outra pessoa. Em algumas culturas asiáticas, o primeiro olhar já pode mostrar falta de respeito. É importante descobrir o modo correto de reconhecer e aceitar a existência e presença da outra pessoa. No Brasil, quando uma pessoa entra numa sala, ela saúda cada indivíduo, amigo ou estranho, com uma palavra, *um aperto de mão* [grifo do autor] ou um beijo na face. O mesmo ritual é repetido na saída. Quando os brasileiros vão para os Estados Unidos, sentem-se invisíveis, pois um dia as pessoas os saúdam e no dia seguinte passam por eles sem nenhuma palavra ou gesto de reconhecimento.<sup>8</sup>

Esta demonstração de afeto, manifestada na forma de como aproximar-se da outra pessoa, leva em consideração como a outra pessoa é percebida e como também ela nos percebe. O costume representa algo intrínseco a cada um de nós, em cada uma de nossas culturas.

A maneira aberta e respeitosa de Jesus aproximar-se e tratar a mulher no poço em Samaria foi surpreendente para ela, os cidadãos samaritanos, os discípulos judeus de Jesus e os leitores do quarto evangelho. Atitudes culturais de hostilidade e afastamento mútuos foram substituídas por atitudes de aceitação e reconciliação.<sup>9</sup>

Este fato de perceber e ser percebido reforça, então, o vínculo entre a humanidade e o seu Criador, pois em Deus e, mais particularmente, na humanidade de Jesus encontramos a essência deste elemento agregador, esta necessidade de proximidade, de inclusão, de troca, enfim, de extrema comunhão.

Pelo fato do trino Deus existir como uma comunidade de três pessoas, refletimos a imagem de Deus em nossa existência como

<sup>8</sup> GEORGE, Sherron Kay. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 47.

<sup>9</sup> GEORGE, 2006, p. 52-53.

seres sociais em comunidade. Assim como as três diferentes pessoas da Trindade estão unidas e como Deus e suas criaturas estão unidos, assim os diferentes membros da comunidade humana estão unidos.<sup>10</sup>

### 1.1.2 Exemplos bíblicos

Quando nos voltamos aos registros iniciais do texto de Gênesis, no Antigo Testamento, imediatamente somos confrontados com uma realidade relacional que está impressa no que se convencionou chamar de Trindade: “[...] *Entendimento cristão de Deus trino e uno. Trindade significa que a natureza divina é uma unidade de três pessoas e que Deus se revela como três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo [...]*”.<sup>11</sup> No credo cristão, Deus - que é de eternidade em eternidade - o é nesta convenção: o Pai, o Filho e o Espírito. Assim, pode-se dizer que o primeiro Pequeno Grupo Missionário foi estabelecido pelo próprio Deus, isto porque o Deus que se relaciona em si mesmo não se limitou neste relacionamento intratrinitário, ele foi adiante e, na criação, estabeleceu com Adão e Eva sua obra chamada humanidade, ou seja, todos aqueles e aquelas com quem desejava inter-relação integral. Na história do povo de Israel há inúmeros exemplos de como o Deus Javé jamais abandonou seu povo, mesmo quando este se afastou de seu Deus. O ápice desta experiência de Deus e com Deus, encontramos testemunhada nos textos do Novo Testamento, quando o Deus Criador desejou e realizou, acima de tudo, reconciliação, e para tanto, entregando o que há de mais precioso para um Pai, seu próprio Filho, neste caso, o unigênito, para que neste amoroso sacrifício, pudesse voltar a ser chamado de Pai.

## 1.2 Pequenos Grupos Missionários como braço de Cristo

Se o aperto de mão fala de inícios, o abraço, pela sua dinâmica e “desenho”, fala de continuidade. Neste estudo, propõe-se que o abraço possa representar a ideia de acolhida, de ambiente que ultrapassa o espaço em si, vai além, fala e trata do que em determinado espaço acontece e de como acontece, tendo, nestes dois últimos, os elementos que dão a característica acolhedora e integradora para quaisquer que sejam os espaços de relacionamento grupal. Em especial, procura-se apontar aqui para ambientes acolhedores nos diversos espaços disponíveis em nossas comunidades de fé.

<sup>10</sup> GEORGE, 2006, p. 50.

<sup>11</sup> GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherit Fee. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Vida, 2004. p. 137.

### 1.2.1 O abraço - ambiente de acolhimento e evolução relacional

De um primeiro contato, no trato relacional missionário, pode-se notar logo uma natural tendência e percepção de pontos de contato. Assim, quando este evolui do momento de conhecimento para o momento de acolhimento, percebemos o delinear de vínculos, sejam com características funcionais, sociais, ou ainda, afetivas; a questão é que na prática do acolhimento, vê-se movimento e esforço para comunhão. No movimento de Jesus, inicialmente, pode-se observar algo semelhante, como destaca a teóloga Marga J. Ströher:

O movimento de Jesus se expandiu pelo mundo greco-romano através de missionárias e missionários itinerantes. De um movimento intrajudaico surgiram várias igrejas domésticas reunidas como *ekklesia* de uma cidade - *Kat'oikon ekklesia*. 'A igreja doméstica era o início da igreja em determinada cidade ou distrito'. Missionárias e missionários itinerantes e igrejas da casa foram centrais para o desenvolvimento do movimento cristão primitivo, que dependia de mobilidade e estrutura local para consolidar um grupo. Para isso dependiam da hospitalidade e apoio das igrejas domésticas. A segurança e hospitalidade nas viagens era privilégio dos poderosos, que dispunham de uma rede de patrocinadores e amigos.<sup>12</sup>

Atualmente, vive-se em uma realidade que aponta para uma rotina com muitos "acessos", porém, de maneira isolada/solitária. Pode-se ir longe, sem sair de casa, e na verdade, sem sair da frente de um computador com acesso a internet. Isto pode apontar algumas armadilhas: muita acessibilidade (virtual), pouco acesso (real). Para mostrar de maneira grosseira a diferença, pensemos em acessibilidade/informação virtual ampla a todas as características de um determinado medicamento, mas a impossibilidade, em caso de necessidade, de acesso real ao mesmo. A pergunta que se coloca é como vencer esta contradição. Conforme Burke,

Nossa geração anseia por uma profunda união, ainda que geralmente estabeleça formas de relacionamento superficiais. Na esteira de um índice tão alto de divórcios, negligência e abuso, as novas gerações anseiam por envolvimento, mesmo tendo sido programadas para a solidão. Ser solitário é mais do que apenas estar só. A solidão surge quando alguém deseja que as pessoas o vejam e o conheçam e mesmo assim ainda se sente só, embora rodeados de amigos.

Se as igrejas não ajudarem as pessoas a se envolverem na

<sup>12</sup> STRÖHER, Marga J. *A igreja na casa dela* - papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG/EST, 1996. p. 16.

comunidade de Cristo de uma forma significativa, terão falhado em desempenhar plenamente o ministério da reconciliação, de reconstruir relacionamentos autênticos, que o Senhor nos confiou.<sup>13</sup>

As diversas igrejas locais que enfrentam a necessidade de demonstrar o amor de Cristo por todas as pessoas de maneira significativa devem considerar seriamente a transformação cultural da própria organização e de seus representantes, em todos os níveis da mesma. E isto a ponto de ir além de iniciativas isoladas e exclusivistas, mas com força de gerar novo fluxo cultural coletivo e comunitário, de tal forma que seja natural na rotina de nossas comunidades de fé acolher as pessoas, porque assim o é para Deus, como se pode perceber, de forma plena, na encarnação de Cristo Jesus, ainda que esta percepção seja, em última instância, uma questão de fé. Contextualizando para os dias de hoje, Burke assevera:

Conduzir as pessoas a um ambiente cultural onde ninguém fique só sempre será um desafio para a liderança em qualquer pequeno grupo e comunidade cristã. A ironia é que, embora desejemos nos aproximar das pessoas, tememos que nos vejamos como necessitados. Então, desejamos que outros já unidos se aproximem e nos incluam no grupo, mas, tão logo eles o fazem e nos sentimos unidos, apagamos este desejo de nossa mente. Esquecemos quão horrivelmente solitários nos sentimos tentando envolver-nos, por isso deixamos de fazer aos outros o que quisemos que fizessem por nós. A arte da liderança exige não esquecer isso nunca. E não podemos deixar que os outros esqueçam. Devemos alertar constantemente os que estão em nossos pequenos grupos e equipes de serviço para que não se tornem um grupo isolado (panelinha) e autossuficiente.<sup>14</sup>

Para tanto, não se pode negar que as estruturas eclesiais precisam voltar-se integralmente para a missão, e não o inverso. Certamente, igrejas locais precisam deter-se na importância de constante adaptação. Uma empresa ou corporação cujo

<sup>13</sup> BURKE, John. *Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja*. São Paulo: Vida, 2006. p. 341. Corroborando esta ideia, percebemos - vez que outra - o clamor fora do escopo eclesial. Cito aqui o sucesso inusitado do grupo musical curitibano A Banda Mais Bonita da Cidade, em sua música chamada "Oração" (composição: Leo Fressato). Disponível em: <http://letras.terra.com.br/a-banda-mais-bonita-da-cidade/1890483/>, acesso em 21/07/11, cuja letra, diz o seguinte: "Meu amor essa é a última oração/Pra salvar seu coração/Coração não é tão simples quanto pensa/Nele cabe o que não cabe na despensa/Cabe o meu amor!/Cabem três vidas inteiras/Cabe uma penteadeira/Cabe nós dois/Cabe até o meu amor. Além das conhecidas músicas, acessíveis em <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22488/> (acesso em 13/08/11) do Legião Urbana, na letra da música "Pais e Filhos" (composição: Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá); e no endereço eletrônico <http://letras.terra.com.br/jota-quest/46686/> do Jota Quest, na letra da música "Dias Melhores" (composição: Rogério Flausino), por exemplo.

<sup>14</sup> BURKE, 2006, p. 342.

fim seja o lucro financeiro, o faz porque, em caso contrário, seu objetivo final correria o risco de inexistir: gerar lucro. O “lucro” da igreja local, se assim se pode falar no âmbito da comunhão cristã, é sim possibilitar um reencontro, a reconciliação das pessoas com Deus, consigo mesmas, com o próximo e, até mesmo, com o seu meio ambiente. A igreja precisa de adaptações que a mantenham neste foco, perceber-se anunciadora e agente da obra reconciliadora de Deus em Cristo Jesus. Burke relata um caso que pode ser útil para esta reflexão:

Certa vez, tive o privilégio de estar em uma reunião com Peter Drucker, o guru da administração de empresas do século XX, quando ele dava consultoria a um pequeno grupo de pastores executivos de todo o país. Ele disse: ‘Sempre que uma organização cresce à base de 30% ou mais, deve-se reorganizar para o suporte seguinte do crescimento organizacional’. Temos tentado aplicar este princípio para manter as pessoas unidas na comunidade. Como resultado, percebemos que as estratégias de envolvimento que funcionavam nos primeiros anos da igreja não funcionaram mais, pois alcançamos mais pessoas. Buscamos avaliar regularmente se aqueles que querem se envolver acham isso fácil ou difícil e tentamos fazer adaptações quando necessário.

Algumas pessoas resistem a um plano organizado para gerar envolvimento por acreditarem que isso deveria acontecer espontaneamente ou, do contrário, parecerá falso e impessoal. Mas o que devemos perceber é que a falta de organização ou visão para unir outras pessoas pode de fato criar uma comunidade fria e despreocupada, porque as pessoas tendem a se acomodar se não forem conduzidas proativamente a agir de outra maneira.<sup>15</sup>

O que se pode observar, de forma recorrente, é que temos maior facilidade de inserção em ambientes/grupos menores, nos quais as pessoas podem ser mais facilmente percebidas, como também podem exercitar a percepção de si mesmas nas outras pessoas, e nisso, vivenciar o princípio da comunitariedade.

Igrejas que crescem desenvolveram um sistema de grupos familiares em que o cristão individual pode encontrar atenção humana, ajuda prática e intercâmbio espiritual intensivo. Estes grupos não conversam somente sobre textos bíblicos ou escutam a exposição de um especialista, mas agregam impulsos bíblicos às indagações cotidianas dos participantes.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> BURKE, 2006, p. 344.

<sup>16</sup> SCHWARZ, Christian. O ABC do desenvolvimento natural da igreja. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998. p. 19.

### 1.2.2 Exemplos bíblicos

Estas sugestões podem ser - por analogia - verificadas no texto bíblico em relatos do Antigo Testamento, como na ocasião em que Jetro, sogro de Moisés, traz luz ao mecanismo de cuidado que Moisés imprime em seus contatos relacionais. Parece que a observação acurada de Jetro traz coerência a uma prática que era necessária, mas que se mostrava sufocante e exaustiva para Moisés (Êxodo 18.13-27). Por este emblemático exemplo - e existem muitos outros no AT - pode-se afirmar que trabalhar com grupos menores e/ou delimitados permite uma ação mais eficaz e eficiente, tanto quanto efetiva.

Da mesma forma, no Novo Testamento podemos observar o mesmo quando do encontro de Jesus com uma multidão que o seguia para escutá-lo e levar a ele as pessoas enfermas. Na ocasião, Jesus orienta a acomodação de pessoas para a distribuição de pães e peixes. Além do destaque natural para o milagre descrito, pode-se perceber que a organização em grupos menores foi importante para o atendimento adequado a todas as pessoas que ali estavam, conforme o texto de Marcos 6.30-44. Como este, poderíamos citar outros relatos em que esta forma de se relacionar e de trabalhar com pessoas aparece no testemunho bíblico (Mateus 10; Lucas 5.17-26; 10.1-12; 17-20; Atos 2.42-47). Estes, no entanto, bastam para os propósitos deste trabalho.

O que os exemplos demonstram é que, mesmo passados mais de dois milênios, as relações humanas mudaram muito pouco, de tal modo que é necessário considerar, seriamente, procedimentos aparentemente tão lógicos e apropriados como os de Jetro, Moisés e Jesus orientando os discípulos e a multidão. E em se tratando de comunidades cristãs, isto não deveria parecer algo novo ou especial.

### 1.3 Pequenos Grupos Missionários como corpo de Cristo

Considerar o Pequeno Grupo Missionário como Corpo de Cristo, mais do que uma declaração interna e autônoma, precisa ser resultado de um reconhecimento externo. Neste sentido, vale considerar o que escreve o Pastor Paschoal Piragine Jr., quando observa a necessidade da igreja local permanecer relevante em seu círculo de relacionamentos:

Agir para que a unidade no Espírito seja experimentada no contexto da comunidade visível dos salvos, a igreja local, é um propósito permanente da igreja que permite que ela faça a diferença na comunidade em que está inserida, como exemplo do poder de Deus em unir pessoas diferentes e como prova de

seu gracioso amor agindo entre os homens.<sup>17</sup>

O Pastor Paschoal ressalta, ainda, dois elementos pertinentes desde a igreja primitiva: proclamação e comunhão.

A igreja primitiva confiava em um testemunho duplo como meio de alcançar um mundo cínico e descrente e imprimira nele o *kerygma* (proclamação) e a *koinonia* (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente. Os pagãos poderiam ter desprezado facilmente a proclamação, considerando-a simplesmente mais uma 'doutrina' entre muitas, mas eles viram que era impossível rejeitar a evidência da *koinonia*. Foi este fato que causou a observação de um escritor pagão: 'Como se amam mutuamente esses cristãos!'.<sup>18</sup>

Assim foi nos primeiros séculos, mas isto mudou com o tempo e mais precisamente a partir do momento em que a igreja cristã passou a ser uma instituição pública em aliança com o Império Romano. Desde o século IV com Constantino, pode-se afirmar que gradativamente a igreja cristã foi perdendo a dimensão comunitária original e ganhando crescentemente a forma de uma religião instituída, com estruturas, hierarquia e doutrinas afins. Nos tempos atuais, se precisamos pensar a igreja local em cada momento específico, o que dizer sobre sua ação, como combinar proclamação e comunhão em uma realidade que privilegia estruturas relacionais superficiais? Parece que um retorno ao essencial sugere uma resposta razoável ao questionamento.

O modelo da comunhão que devemos construir nos é fornecido pela Trindade divina. Por isso, só pode ser alcançado pela mediação do Espírito Santo, o único capaz de fazer-nos pôr em prática o amor de Deus por meio do serviço mútuo em nome de Jesus.<sup>19</sup>

Nesta perspectiva, os grupos menores podem proporcionar esta oportunidade de uma forma mais acessível e significativa para as pessoas individualmente. Um Pequeno Grupo Missionário que se reúna em casas ou apartamentos - algo muito comum em nossas grandes cidades hoje em dia (pensemos em grupos de amigos, colegas de trabalho, associações locais, etc.) - englobaria tais características: moradias como ambiente de partilha, com espaço menor e acolhedor, a presença de uma ou mais pessoas conhecidas dos visitantes, tempo compartilhado para ser ouvido e ouvir, o comer juntos, o ensino-aprendizagem coletivo, e outros fatores afins. Interessante é

<sup>17</sup> PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. *Crescimento integral da igreja: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões*. São Paulo: Vida, 2006. p. 93.

<sup>18</sup> PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 93.

<sup>19</sup> PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 93.

observar que tais características são perceptíveis já nos escritos do Novo Testamento (Atos 2.42-47 e vários textos das cartas de Paulo, por exemplo, o famoso capítulo 16 da carta aos Romanos).

Além desses aspectos mencionados, o ambiente do Pequeno Grupo Missionário permite mais naturalidade para início e manutenção de relacionamentos. Todas as pessoas, em princípio, têm vez e voz, podem tanto cuidar quanto ser cuidados, enfim, podem fazer parte ativa dessa pequena comunidade de fé, de forma inclusiva, acolhedora, integradora e transformadora. E estes valores se mostram cada dia mais valiosos para o resgate de uma vida humana que valha a pena ser vivida. Em relação à igreja local, afirma o Pastor Piragine Jr.:

Nosso papel como líderes do rebanho é ajudar o povo de Deus a construir uma relação de interdependência, em que todos ministram e são ministrados por Deus, por meio de seus irmãos, ao mesmo tempo em que construímos uma relação de inclusão: a igreja precisa ser de todos. Pessoalmente, tenho dificuldade em aceitar alguns modelos contemporâneos de igreja que advogam a proposta de comunidades vocacionadas e especializadas em alcançar determinados grupos sociais, como: ricos, pobres, universitários, classe média, etc. Se somos a expressão visível da igreja de Jesus, devemos dar lugar, nessa expressão visível, a todos quantos ele ama e salva.<sup>20</sup>

### 1.3.1 O corpo todo - mutualidade e integração entre as partes

Esta comunidade de fé, representada por Pequenos Grupos Missionários, não pode ser considerada o todo, a chamada igreja invisível. Este conceito remonta à igreja antiga e pode ser entendido como: “[...] *Designação que provavelmente data da época de Agostinho, referente ao total de crentes genuínos, vivos ou mortos, unidos pelo Espírito Santo ao corpo de Cristo [...]*”,<sup>21</sup> pois a Igreja de Cristo reúne igrejas locais, em casas e/ou prédios (templos), desde os iniciais registros do Novo Testamento. Conforme Ferreira, “*de Romanos 16.5-15, depreende-se que mesmo em Roma havia várias igrejas. Uma seria na casa de Áquila e Priscila e outras estariam em outras partes da cidade*”.<sup>22</sup>

Na consideração que aqui fazemos, porém, o Pequeno Grupo Missionário tampouco pode ser considerado parte menos importante. É sim, representação legítima (em seu formato, tempo e círculo de influência) da agência que reafirma o

<sup>20</sup> PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 94.

<sup>21</sup> GRENZ, 2004, p. 70.

<sup>22</sup> FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. Rio de Janeiro: JUERP, 2002. p. 44.

amor de Deus pela humanidade desde Cristo encarnado e ressurreto.

Assim, lembremo-nos de que o projeto original e permanente para o corpo de Cristo é de que sejamos um, ajamos como tal; não em uniformidade, mas, no entanto, em uma unidade comunitária (conforme Efésios 4.1-6).

A Igreja é a continuação, na era do Novo Testamento, do que até então havia sido Israel: o povo com o qual Deus faz uma aliança e sobre o qual depositou um chamado especial, e que responde a este chamado especial em fé e obediência (Romanos 4.16-25). Ela é o templo de Deus, uma comunidade no meio da qual Deus habita, no mesmo sentido misterioso em que se faz presente nas várias partes da Igreja, onde dois ou três estão reunidos em seu nome (Mateus 18.20). Ela é obra das mãos de Deus, não invenção ou criação humana. Deus age naqueles que são membros da Igreja, efetuando neles 'tanto o querer como o realizar' (Filipenses 2.13). Na Igreja, cada membro recebe vida e força de Cristo, a Cabeça da Igreja, e cada membro é feito irmão um do outro (João 15.1-5; Gálatas 4.1-7 e 2.20; Colossenses 3.3). Como um corpo humano é mais que a soma de suas partes individuais, também a Igreja é mais que a totalidade daqueles que pertencem a ela. Pois a Igreja é uma unidade espiritual, uma personalidade coletiva, um organismo vivo, o corpo de Cristo. Ela é uma nova criação: a nova humanidade; a noiva de Cristo.<sup>23</sup>

### 1.3.2 Exemplos bíblicos

Como sugestão, o material utilizado em treinamentos do Ministério Igreja em Células no Brasil cita diversos momentos em que a igreja era percebida em ambientes menores, ou domésticos, de forma semelhante ao que se pretende denominar neste trabalho como Pequenos Grupos Missionários:

#### CASAS USADAS PARA ENCONTROS DE CRISTÃOS

- A casa de Jason em Tessalônica foi usada com esse propósito (At 17.5).
- A casa de Tício, o Justo, situada estrategicamente do outro lado da sinagoga (com a qual Paulo rompeu) em Corinto era um local de encontro (At 18.7).
- A casa de Felipe [sic] em Cesareia parece ter sido um lugar onde visitantes marítimos como Paulo e seus companheiros bem como peregrinos carismáticos como Ágabo eram bem-vindos (At 21.8).
- A casa de Lídia em Filipos era tanto um local de encontro

<sup>23</sup> ULRICH, Armand. *Como construir uma congregação eficiente*. Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 11-12.

como um local para hospedar Paulo (Atos 16.40).

- Áquila e Priscila parecem ter mantido uma igreja em sua casa onde quer que eles morassem, seja em Corinto seja em Roma (Romanos 16.3-5, At 18.3).
- A casa do carcereiro em Filipos era usada como um centro evangelístico depois de sua conversão dramática (Atos 16).
- Toda a família de Estéfanos foi batizada pelo próprio Paulo e ele aparentemente usava essa casa “para o serviço dos santos” (1Co 1.16; 16.15).
- A sala superior de uma casa pertencente à mãe de Marcos em Jerusalém foi o primeiro local de encontros da igreja (At 12.12).
- A casa de Filemon também foi citada como local de encontro de cristãos (Fm 1,2).<sup>24</sup>

## 2. PEQUENOS GRUPOS MISSIONÁRIOS: COMO REALIDADE HISTÓRICA

### 2.1 Inícios no meio evangélico

O encontro de pessoas cristãs em ambientes relacionais não é somente uma realidade remota, tampouco recente, ou ainda, estanque, restrita a um período histórico específico. Pelo contrário, os pequenos grupos podem ser percebidos ao longo da história, por vezes, como alternativa em meio à perseguição, por vezes, com intencionalidade estratégica, ou ainda, natural e espontaneamente. No que segue pretendo expor alguns dos momentos marcantes da história da igreja cristã para estes ambientes relacionais. Vou me ater especialmente à tradição das igrejas evangélicas, a partir do século XVII, sem pretensão exaustiva, apontando também para outros casos, quando oportuno. Trata-se de uma retrospectiva breve; no entanto, o interesse é demonstrar a sua relevância em vista de uma nova perspectiva de inserção missionária nos dias atuais.

#### 2.1.1 Os pietistas - nascedouro das pequenas comunidades evangélicas

O movimento pietista tem seu nascedouro ligado à pessoa de Philipp Jacob Spener (1635-1705), nascido “[...] na província da Alsácia, na localidade de Rappoltsweiler, no ano de 1635”. Spener, desde cedo, e em sua vida estudantil, teve contato com estudos, literatura e obras sobre oração e meditação; e logo após, recebe responsabilidades

<sup>24</sup> Ministério Igreja em Células. O ano da transição: vamos mostrar a você como fazer!!! Módulo I. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004. p. B2.

sobre outras lideranças pastorais:

Concluídos os seus estudos, incluindo o doutorado, Spener é enviado para Frankfurt em 1664, cabendo-lhe a tarefa de liderar um grupo de pastores da região. Durante este período, procurou levar os judeus à conversão, estudou intensamente Lutero e delineou as suas ideias principais de reforma para a Igreja. Desde 1670, Spener reunia em sua casa um grupo de pessoas para lerem a Bíblia e literatura de edificação. Surgem assim os chamados colégios/círculos piedosos (*collegia pietatis*). O surgimento destes colégios, inicialmente, não estava vinculado a uma estratégia de trabalho. Spener queria apenas reunir-se com aqueles que desejassem seriamente ser cristãos, como Lutero havia expressado no prefácio da *Missa Alemã* de 1526. Esta configuração sociológica de Igreja é uma das marcas do Pietismo. Estes círculos começam a aparecer em diversas cidades europeias. A partir de 1676, Spener cunha a expressão 'igrejinha na igreja' (*ecclesiola in ecclesia*) como um traço do movimento pietista.<sup>25</sup>

O pietismo nasce como que um contraponto ao academicismo exagerado da universidade europeia e a maneira como nela se fazia teologia.

O termo 'pietismo' deriva da palavra latina *pietas* (cuja melhor tradução seria 'devoção' ou 'religiosidade'), sendo originalmente um termo pejorativo e usado pelos opositores para descrever a ênfase do movimento em relação à importância da doutrina para o cotidiano da vida cristã. Geralmente considera-se que o movimento pietista teve seu início com a publicação, em 1675, da obra de Filipe Jakob Spener, *Pia desideria [Ansiosos piedosos]*.<sup>26</sup>

Predominava um preciosismo lógico, que abria mão de relacionar o conhecimento com as necessidades diárias da comunidade de fé e suas relações. A forma e a dinâmica do pietismo encontra uma comunidade, principalmente alemã, decepcionada com o distanciamento do que se sabe com o que se faz, ou seja, entre a profissão e a vivência da fé. Isto, especificamente, no período imediatamente após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). O movimento trouxe consigo o interesse de sanar feridas internas de um pós-guerra muito difícil, como se pode imaginar, e de uma espiritualidade fria, quase matemática, fim em si mesma. O movimento anunciava, portanto, a necessidade da doutrina gerar transformação, mudança de vida. Ele se espalhou na Alemanha e

<sup>25</sup> TESSMANN, Mário Francisco. Pietismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Eds.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 788.

<sup>26</sup> MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 118-119.

outros países e teve na Universidade de Halle seu ponto de difusão acadêmico, com Augusto H. Frank.

Reforço para tanto, é destacado pelo professor Hermann Brandt, ao buscar respostas, argumentos ou justificativas para o anseio de mais espiritualidade nas comunidades de fé contemporâneas:

Pois o pietismo era, originalmente, uma alternativa 'ortoprática' para a ortodoxia. Os pietistas sabiam que um cristianismo que está preso a uma 'doutrina' pura, porém sem vida, na realidade não é cristianismo. A fé cristã se realiza na vida concreta dos fiéis. Essa procura de concretização prática é uma genuína motivação pietista. E desde Spener, o pai do pietismo, ela teve suas consequências eminentemente práticas. A fim de tornar a vida comunitária mais viva, Spener fez exatamente aquilo que se procurava alcançar através daquela carta aos membros da comunidade: ele criou pequenos círculos familiares, células vivas dentro do corpo paralisado e inerte da igreja. E já naquela época, há 300 anos, se levantaram vozes de protesto. Dizia-se que ele queria criar pequenas igrejas dentro da igreja e, assim, estaria ameaçando a unidade da mesma. Em todo o caso, as *collegia pietatis* fundadas por Spener (que, na intenção de seu fundador, deviam ser uma opção em lugar da vida social leviana de Frankfurt) foram criadas por motivos semelhantes àqueles que nortearam o presbitério na mencionada carta, quando quis promover e entrementes já promoveu a criação de grupos de base.<sup>27</sup>

É impressionante notar como movimentos desejosos de empoderamento ao povo, mesmo que no âmbito espiritual das comunidades de fé, foram - e ainda são - vistos com desconfiança, e por vezes, rechaçados. Os ambientes menores como círculos de estudos, de oração, relacionais, ou ainda, como sugere este trabalho, como Pequenos Grupos Missionários, orbitam em torno desta temática de participação e cooperação entre as pessoas interessadas em crescer na inteireza do ser, o que inclui, obrigatoriamente, a esfera da vida espiritual, seja a espiritualidade individual, seja a comunitária, ambas com impacto em nossos relacionamentos.

### 2.1.2 Os metodistas - a classe de estudo de Wesley

Sobre os primeiros registros relacionados à jornada do movimento metodista que depois se tornou igreja na primeira metade do século XVIII, destaca José Carlos de Souza:

<sup>27</sup> BRANDT, Hermann. *Espiritualidade - vivência da graça*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 11-12

Inicialmente, a designação ‘metodista’ qualificava de forma depreciativa o estilo de vida rigoroso e disciplinado por meio do qual, desde 1729, o grupo de universitários de Oxford, também conhecido como ‘clube santo’, buscava alcançar a santidade.<sup>28</sup>

O fomento missionário no metodismo se dá na medida em que John Wesley “aprende” a partilhar a mensagem bíblica na grande Igreja Anglicana da Inglaterra. Muitos “fracassos” podem ser observados e percebidos, posteriormente, como degraus em uma subida para o ponto em que a ação e dinâmica do metodismo tornam-se marca registrada para acolhimento dentro de um ambiente relacional, cujo elemento mais evidente é o ensino-aprendizagem.

Dentro do modelo de interação entre os que se achegavam, a vivência da fé em grupos menores onde se podia receber atenção e apoio é apontada como um importante fator para o avanço do movimento, conforme descreve Foster:

Uma das contribuições mais destacadas de Wesley para a formação espiritual foi uma inovação que ajudou os novos convertidos a crescer na fé. Nas experiências vividas em suas longas viagens, Wesley rapidamente percebeu que muitos chegavam à fé em Cristo sem saber como se desenvolver na nova vida. Por isso, Wesley formou um novo movimento, dividido em três grupos de tamanhos diferentes, para níveis diferentes de crescimento espiritual e apoio.<sup>29</sup>

Conforme a descrição de Foster, podemos perceber como era organizada a vida relacional na rotina de crescimento de fé das pessoas interessadas que acorriam aos grupos de estudos bíblicos e oração:

As ‘sociedades’ eram essencialmente as igrejas congregacionais. As ‘classes’ eram grupos mistos em que não mais de 50 pessoas se reuniam para ouvir a pregação e orar. Os ‘grupos’ eram divididos por sexo com não mais de dez pessoas, que se reuniam toda semana para discutir questões diretamente ligadas à formação do caráter e à semelhança com Cristo.<sup>30</sup>

Uma preocupação que merece atenção nestas organizações se refere a como o trânsito e o crescimento espiritual era auscultado, percebido e investigado:

Para ingressar num grupo, era preciso responder a algumas perguntas bem diretas. Após ter a entrada concedida, durante a semana, o participante precisava responder a outras perguntas para que o grupo firmasse um comprometimento mais sólido

<sup>28</sup> SOUZA, José Carlos de. Metodismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et alii (Eds.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 630.

<sup>29</sup> FOSTER, Richard. *Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã*. São Paulo: Vida, 2009. p. 216.

<sup>30</sup> FOSTER, 2009, p. 216.

que conduzisse a uma vida mais profunda com Deus.<sup>31</sup>

Sobre este ponto, salienta Souza: “[...] desenvolviam-se o encontro face a face, a partilha, a comunhão e a responsabilidade pelo crescimento na fé e na santidade”.<sup>32</sup> A inclusão parecia ser uma marca bastante positiva: “Homens e mulheres simples do povo, antigos artesãos, mineiros, operários das indústrias nascentes, conquistavam, dentro do movimento, espaços que lhes eram negados em outros âmbitos [...]”.<sup>33</sup> Além disso, o fato de Wesley fomentar a participação de leigos na ministração da palavra mostra esta iniciativa de inclusividade e participação como características do movimento nascente. “Wesley logo admitiu pregadores leigos, procurando capacitá-los e organizá-los em circuitos que deveriam ser visitados periodicamente”.<sup>34</sup>

É importante ressaltar que este movimento se deu a partir de uma grande igreja nacional e teve como fio condutor uma perspectiva de renovação de dentro para fora. A partir do que foi exposto de modo sucinto, pode-se observar como os espaços e, principalmente, os ambientes menores podem oportunizar relacionamentos mais genuínos e reais, além de outra percepção da vivência da fé cristã. A partir do incentivo, da intencionalidade em grupos nos quais as pessoas se percebem umas às outras em comunhão ativa, pode-se observar - nitidamente como no caso do metodismo - o encontro de necessidades e de suas prováveis e possíveis resoluções. Atente-se que o interesse no outro tem, neste caso, antecipação diante de questões doutrinárias. O interesse pelo próximo é reforçado como meio de vivência de uma fé integral.

### 2.1.3 Os batistas: ensino, apelo e envio às missões

São várias as perspectivas históricas de início para o povo conhecido como batista. No entanto, uma recente literatura compartilhada e promulgada pela Convenção Batista Brasileira, intitulada *Pacto e comunhão*: documentos batistas, organizada pelo pastor Sócrates Oliveira de Souza, afirma o seguinte:

Após a reforma religiosa na Inglaterra, quando foi estabelecida a Igreja Anglicana, em 1534, surgiu o movimento denominado Puritano. Entre os puritanos havia alguns grupos que defendiam um sistema eclesiástico congregacional, o batismo voluntário e a separação da igreja e Estado por influência dos Anabatistas. Entre essas congregações separatistas destacava-se a de Gainsborough, liderada por John Smyth e, mais tarde,

<sup>31</sup> FOSTER, 2009, p. 216.

<sup>32</sup> SOUZA, 2008, p. 631.

<sup>33</sup> SOUZA, 2008, p. 631.

<sup>34</sup> SOUZA, 2008, p. 631.

por Thomas Helwys. Finalmente, um grupo de refugiados ingleses que foi para a Holanda em busca de liberdade religiosa, liderado por John Smyth - que era pregador - e Thomas Helwys - advogado - organizou em Amsterdã, em 1609, uma igreja de doutrina batista, como era o sonho dos dois líderes. John Smyth batizou-se e, em seguida, batizou os demais fundadores da igreja, constituindo-se esta a primeira igreja organizada tendo como espelho as doutrinas do Novo Testamento, inclusive o batismo do que crê, mediante a profissão de fé em Jesus Cristo. A igreja se divide e John Smyth pede filiação aos menonitas, sendo seguido pela maior parte dos membros. Uma minoria resolveu manter a igreja com a liderança de Thomas Helwys. Após a morte de Smyth, Helwys e seus seguidores regressam para a Inglaterra. Considerando as raízes do nome Batista, a história começa com a organização da igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612, por Thomas Helwys e seus seguidores já batizados na igreja em Amsterdã. É esta igreja que agora inicia a linhagem de igrejas batistas que começam a crescer na Inglaterra sob severa perseguição por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana.<sup>35</sup>

Inevitável é associar os batistas a dois elementos que marcam sua trajetória no passado e mesmo nos dias atuais: missões e educação. Isto é um reflexo naturalmente vinculado ao ardor e zelo pela Palavra, como se pode observar em leitura no mesmo material da série *Documentos batistas*, na seção IV, no capítulo “Quem são os batistas? Resumo histórico”:

A corrupção de algumas doutrinas e práticas do Cristianismo começou a surgir muito cedo na história, como pode ser constatado nos escritos dos apóstolos. Esta corrupção foi se ampliando após a ‘conversão’ do imperador Constantino (306 a 337) ao Cristianismo, ocorrida a partir de 312, oportunidade na qual incorporou a cruz ao seu estandarte e passou a favorecer os cristãos. Muitos destes resistentes rejeitavam as inovações doutrinárias e as práticas, o que os levou a serem perseguidos, exilados e mortos.<sup>36</sup>

É perceptível que a ideia essencial que caracteriza o povo batista é o zelo pelas Escrituras Sagradas, fazendo com que sua história seja contada, inclusive, com a colaboração emprestada de personagens oriundos de diversas tradições/denominações, como podemos observar no texto a seguir:

<sup>35</sup> SOUZA, Sócrates Oliveira de [Org.]. *Pacto de comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. p. 56-57.

<sup>36</sup> SOUZA, 2010, p. 56.

Eles mantiveram acesas as doutrinas cristãs genuínas e possibilitaram que, através dos tempos, outros se levantassem na Idade Média, como Cláudio de Turim, Pedro de Bruys, Henrique de Lausanne, Pedro Valdo, João Wycliffe e João Huss. Com o surgimento da Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero e deflagrada em 31 de outubro de 1517 com a publicação das suas famosas 95 teses na porta do Castelo de Wittenberg, criou-se a oportunidade para que muitos grupos dissidentes intensificassem suas pregações. Entre estes grupos estavam os conhecidos como Anabatistas, que sustentavam muitas doutrinas que os batistas esposariam e que representavam o grupo mais ativo e poderoso daquele momento. O nome que lhes foi dado, Anabatistas, significa os rebatizadores.<sup>37</sup>

A expansão batista no mundo, por pressão, ocorre em meados do século XVII, na direção do solo norte-americano, em função da perseguição aos batistas e a outros grupos separatistas, em especial às colônias da América do Norte; e, motivada por missão e compaixão, em 1791, quando um jovem pastor inglês, William Carey, sentiu-se chamado por Deus para iniciar, com o apoio de outros pastores, um movimento para envio de missionários à Índia. Em outubro de 1792, foi criada a Sociedade de Missões no Estrangeiro “*que tem tido uma participação muito grande na expansão da obra batista na Ásia e na África, além de outros continentes, atingindo inclusive o Brasil*”.<sup>38</sup>

No campo de educação, uma sigla intrínseca à realidade batista é, contemporaneamente, a EBD, abreviação para Escola Bíblica Dominical. Esta representa hoje tanto saudade como também descaso. Mas, no passado, teve papel essencial na formação individual e coletiva da igreja batista. Ela surgiu bem cedo no movimento batista e se configura como um instrumento de aprofundamento e vivência da fé pessoal. Conforme afirma o pastor Isaltino Gomes Coelho Filho, a proposta da EBD é uma oportunidade inclusiva, elucidadora, libertadora e capacitadora para a fé cristã:

A EBD trabalha com pessoas de todos os níveis. Alguns modelos eclesiológicos levam a igreja a negar uma de suas maiores características, que é a heterogeneidade. Assim vemos igrejas que se parecem mais com grupos evangélicos só de empresários, ou de atletas profissionais ou outros segmentos. Entendo a razão de ser desses grupos, voltados para evangelizá-los, mas vejo-os como perigosos se criarem a imagem de ‘Nosso jeito é o

<sup>37</sup> SOUZA, 2010, p. 56.

<sup>38</sup> SOUZA, 2010, p. 58.

certo' ou 'Nós somos os reis da cocada preta'. Em uma igreja, um grupo de jovens queria uma classe de EBD só de universitários, para tratarem de assuntos atinentes a eles. Parece que foram picados pela mosca azul (ser universitário não é tão incomum assim) e se deslumbraram. Um pastor me falou de seu desejo de criar uma classe na EBD só de negros, para debater assuntos raciais. Uma espécie de racismo com sinal invertido. Uma ignorância do que é a igreja: 'Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus' (Gálatas 3.28). A EBD é a maior organização a demonstrar a universalidade interna da igreja. Ela arrola a todos ao redor de um tema, a Bíblia. A EBD não é para tratar de assuntos atinentes a grupos, mas para ensinar a Bíblia e valores bíblicos a pessoas. Ela é um projeto que engloba gente de todas as idades, faixas sociais, culturais e raciais.<sup>39</sup>

Destes dois elementos, missões e ensino, também podemos destacar as ações pioneiras correlatas, seja no campo educacional, como visto na citação acima, seja no campo missionário. Em muitos momentos, grupos se reuniram em prol de uma causa, em agrupamentos pequenos ou, não raro, a partir dos integrantes da família missionária. Com o passar do tempo, sempre foi natural promover identidade própria por meio de estruturas físicas, templos e prédios, para os encontros, cultos, estudos regulares e testemunho da unidade do corpo de Cristo.

Tem alcançado destaque, dentro da CBB, um modelo ministerial denominado "Igreja Multiplicadora", que visa resgatar o interesse inicial nas pessoas e não nas estruturas, alimentando a ideia de que a estrutura precisa servir à missão e não o inverso. Isso tem suscitado ousadia e criatividade, como igrejas a partir dos lares com regulares encontros em alternados locais locados, ou ainda, com suas celebrações/cultos públicos em restaurantes e cafeterias, por exemplo. Segue abaixo parte de descritivo institucional de uma atual plantação de igreja na capital gaúcha. O projeto missionário está ligado à Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil - CBPSB (batistas cujos primeiros missionários foram de origem alemã e que chegaram ao interior do Rio Grande do Sul há um século).

O projeto prevê encontros semanais nos lares, em shoppings, em cafeterias, e outros ambientes habitualmente frequentados pelos relacionamentos pessoais da família missionária.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Acesso em 27/04/10 ao endereço eletrônico: <http://www.isaltino.com.br/2010/02/o-valor-da-escola-biblica-dominical/>

<sup>40</sup> Disponível em [http://www.pioneira.org.br/jevam/index.php?option=com\\_content&view=article&id=513&Itemid=100044](http://www.pioneira.org.br/jevam/index.php?option=com_content&view=article&id=513&Itemid=100044). Acesso em 21/07/11.

No mesmo portal, pode-se ler sobre a intencionalidade no aspecto relacional para estimular, iniciar e manter uma ação missionária efetiva:

[...] nosso foco permanecerá em aproveitar os relacionamentos pessoais existentes, a partir dos da família missionária, e após, encorajar os participantes a fazerem o mesmo com o seu círculo de relacionamentos (familiares, amizades, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de escola/faculdade/cursos, fornecedores, clientes), ou seja, envolver toda a rede pessoal de relacionamentos.<sup>41</sup>

Mais do que uma estratégia, tem sido um meio de resgate da ação cotidiana de Cristo entre nós, lembrando do Deus que se fez homem para andar conosco, que veio sentir nossas dores e nossas alegrias, dando vida ao texto do apóstolo Paulo, que nos encoraja em Romanos 12.15, parafraseando-o: “*Andar juntos sempre, na tristeza e na alegria*”. Aqui é pertinente lembrar que um Deus que se fez gente nos empurra para a intencionalidade relacional.

## 2.2 Reinícios contemporâneos no meio evangélico

O que se pode observar, nas últimas décadas, em relação à ação e dinâmica da missão cristã em ambientes relacionais é algo como variações de um mesmo tema-chave, os Pequenos Grupos, ou seja, este ambiente mostra-se como instrumento de encontro e refúgio, ao mesmo tempo. Seja para mergulho na fé, seja para agregar novas pessoas à comunidade, nota-se que um sem-número de termos tenta identificar estes ambientes com um número menor de pessoas como mais adequado do que os percebidos nas regulares reuniões públicas de diversas igrejas e/ou denominações. Assim, têm sido utilizados conceitos diferentes como: células, grupos pequenos, grupos familiares, grupos nos lares, núcleos de estudos bíblicos, grupos *koinonia*, e o mais comum, pequenos grupos; todos, porém, com o intento de identificar este ambiente relacional que se está buscando nas igrejas brasileiras como resposta às incertezas e carências dos dias atuais.

### 2.2.1 Igrejas com Pequenos Grupos Temáticos: encontro de casais com Cristo

Dentro do ambiente católico brasileiro, talvez um dos mais marcantes momentos e feições em que pequenos grupos são utilizados pode ser percebido nos disseminados ECCs - abreviação para Encontro de Casais com Cristo, idealizado pelo padre Alfonso

<sup>41</sup> Disponível em [http://www.pioneira.org.br/jevam/index.php?option=com\\_content&view=article&id=513&Itemid=100044](http://www.pioneira.org.br/jevam/index.php?option=com_content&view=article&id=513&Itemid=100044). Acesso em 21/07/11.

Pastore, como se pode notar a partir da explicação de seu surgimento:

[O ECC] nasceu da inquietude de um sacerdote (Pe. Alfonso Pastore) que dedicou sua vida sacerdotal à Pastoral Familiar, à Pastoral da Saúde e à Pastoral Carcerária. Teve início em 1970, na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, na Vila Pompeia, em São Paulo-SP. Como disse textualmente o seu fundador: *‘Começou porque Deus quis, e a presença e atividade do ECC no Brasil são a prova da ação de Deus na humanidade’*.<sup>42</sup>

O perfil básico dos ECCs girava em torno de uma sequência inter-relacionada de dinâmicas, palestras, encontros, pré e pós-reuniões:

O ECC foi idealizado pelo Pe. Alfonso Pastore para ser desenvolvido em três etapas distintas, indispensáveis, inter-relacionadas entre si, cada uma com características e finalidades próprias. Uma etapa prepara a outra e deve ser observada a partir de um crescimento de seus integrantes e de sua comunidade.<sup>43</sup>

No entanto, o trabalho do ECC não visava a um fim em si mesmo, pelo contrário, apresentava-se como um serviço à igreja, isto é, à renovação da vida das paróquias da Igreja Católica:

O ECC é um **serviço-escola**. Não é um movimento. Não visa prender a si os casais, nem os casais devem querer ficar presos ao ECC. Apresenta-se como um ‘SERVIÇO DA IGREJA ÀS FAMÍLIAS DA PARÓQUIA’. É essencialmente paroquial. Esta é a característica fundamental. Pe. Alfonso Pastore chega a dizer que *‘quem lhe retirar essa característica (paroquialidade) arranca-lhe a alma’*. O ECC é feito de casais para casais. É ainda um serviço que procura apresentar aos casais uma visão da Igreja, por meio de seus Documentos e Encíclicas, e de sua Doutrina Social.<sup>44</sup>

É interessante notar esta característica da proposta: doutrina oficial vinculada ao desafio social. O modelo foi tão eficiente que se espalhou para fora das fronteiras católicas; hoje, diversas denominações cristãs fazem uso do modelo iniciado no meio católico. A presença de uma ação e dinâmica em pequenos grupos mescla-se com um encontro maior, no qual todos os grupos menores interagem ou percebem-se, celebrando juntos a mesma fé e sua vivência. Assim, serve de porta de acesso ao, por

<sup>42</sup> Disponível em [http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com\\_content&view=article&id=135:como-nasceu&catid=40:ecc&Itemid=65](http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com_content&view=article&id=135:como-nasceu&catid=40:ecc&Itemid=65). Acesso em 16/06/11.

<sup>43</sup> Disponível em [http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com\\_content&view=article&id=132:desenvolvimento&catid=40:ecc&Itemid=65](http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com_content&view=article&id=132:desenvolvimento&catid=40:ecc&Itemid=65). Acesso em 16/06/11.

<sup>44</sup> Disponível em [http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com\\_content&view=article&id=128:espírito-do-ecc&catid=40:ecc&Itemid=65](http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com_content&view=article&id=128:espírito-do-ecc&catid=40:ecc&Itemid=65). Acesso em 16/06/11.

vezes, desconhecido mundo eclesial; dessa forma, famílias têm sido não só restauradas por princípios e padrões bíblicos, como também integradas a uma família espiritual, uma comunidade de fé:

A evangelização do matrimônio e da família é missão de toda a Igreja, em que todos os fiéis devem cooperar segundo as próprias condições e vocação. Deve partir do conceito exato de matrimônio e de família, à Luz da Revelação, segundo o Magistério da Igreja (*Orientações pastorais sobre o matrimônio - CNBB Doc. Nº 12*) (DN-pág. 13).<sup>45</sup>

### 2.2.2 Igreja em células

O modelo conhecido como Igreja em Células tem uma organização e documentação bastante vasta. Seus “mentores” têm ao seu redor uma imensidão de técnicas, materiais, eventos e treinamentos para capacitação para os interessados em migrar para este estilo e filosofia ministeriais. O autor de *A igreja em células* e pastor titular do Centro Mundial de Oração Betânia em Baker, Louisiana, desde 1983, Larry Stockstill, compartilha sobre sua pessoal mudança de perspectiva para com o sistema de igreja em células, fazendo um breve registro sobre os inícios do movimento:

Por fim, minha atitude de dúvida foi dando lugar a um tranquilizador sentimento de respeito pela ideia. Percebia que se tratava de algo tremendo e sobrenatural. O Dr. Neighbour, um dos pioneiros do movimento da ‘igreja estruturada em células’, e fundador da organização Touch Outreach Ministries, descreve em seu livro várias comunidades organizadas em células em diversas partes do mundo. Devido ao meu grande interesse por missões e pelo fato de ter sido missionário na África, aprendi a respeitar profundamente nossos irmãos de outras terras. Obviamente, já tinha ouvido falar do sucesso do Dr. Yonggi Cho com as células em sua igreja na Coreia do Sul, mas não dei muita atenção, pois a vira como um fenômeno peculiar ao povo coreano. Entretanto o Dr. Neighbour citava muitos casos semelhantes. Com isso, fui levado a reavaliar minha opinião sobre as células. Tanto na Costa do Marfim, como nas Filipinas, em El Salvador e, é claro, na Coreia, o testemunho era o mesmo.<sup>46</sup>

O modelo da Igreja em Células teve uma penetração histórico-geográfica ampla, uma vez que se pode encontrá-lo nos continentes asiático, africano e americano.

<sup>45</sup> Disponível em [http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com\\_content&view=article&id=136:o-que-e-o-ecc&catid=40:ecc&Itemid=65](http://www.ecc.conselhonacional.com.br/j/index.php?option=com_content&view=article&id=136:o-que-e-o-ecc&catid=40:ecc&Itemid=65). Acesso em 16/06/11.

<sup>46</sup> STOCKSTILL, Larry. *A igreja em células*. Belo Horizonte: Betânia, 2000. p. 17.

Algumas de suas apresentações são, por alguns, veneradas e, por outros, repudiadas. A veneração vem associada aos exemplos contundentes de igrejas que cresceram de maneira “explosiva”, como no caso da cidade de Jos, na Nigéria e, em Bogotá, na Colômbia<sup>47</sup>. Quanto ao repúdio, principalmente por parte das igrejas protestantes históricas, ele se dá na alegação de inclusões e/ou adulterações de doutrinas perceptíveis em parte dos “programas” de implantação da filosofia ministerial. Existem, no entanto, certas diferenças na forma de implementar as células, como destaca o site do MIC - Ministério Igreja em Células:

Dentro do mesmo modelo chamado G12, a célula é um grupo evangelístico, onde visitantes são convidados e a vida em comunidade desses grupos visa contagiar essa vida com o amor de Jesus. O G12 é uma célula de liderança, onde os líderes das células de evangelismo recebem edificação específica para eles. Se falarmos de diferença de modelos, vemos a diferença básica no modelo administrativo empregado e alguns conceitos teológicos. O G12 é um sistema administrativo baseado no marketing de rede, enquanto as células (G5) baseiam-se numa estrutura de organograma.<sup>48</sup>

No que se refere ao potencial missionário, o modelo igreja em células enfatiza a mobilidade e flexibilidade das igrejas locais que não estão “presas” a estruturas físicas, conforme Stockstill escreve no seu livro:

O modo tradicional de evangelizar consiste, basicamente, em convidar pessoas para que venham ao nosso ‘barco’. O evangelho nas células, porém, consiste em descobrir as necessidades e interesses do não crente e entrar no ‘mundo’ dele.<sup>49</sup>

### 2.2.3 Igreja nos lares

O movimento mais conhecido como Igreja nos Lares é uma retomada de um estilo simples de cristianismo, principalmente na forma e estrutura de novas igrejas. Basicamente, o movimento propõe o início de novas igrejas locais a partir de estudos bíblicos nas casas. Após o amadurecimento das pessoas por meio destes estudos bíblicos nos lares, em determinado momento as mesmas são encorajadas a reproduzir este conhecimento para outros (familiares, vizinhos, colegas, etc.). Quando isto acontece, iniciam-se novas igrejas locais, em um novo lar, por exemplo.

Não existe, necessariamente, uma preocupação denominacional, tampouco

<sup>47</sup> STOCKSTILL, 2000, p. 110-111.

<sup>48</sup> Acesso em 27/03/11 ao endereço eletrônico: <http://www.celulas.com.br/duvidas.php>

<sup>49</sup> STOCKSTILL, 2000, p. 73.

estrutural nessa proposta de igreja nos lares. Os novos líderes que vão surgindo são encorajados a se manter na sua condição profissional. Assim, são dispensadas diversas estruturas associadas ao ministério, tais como instituições de ensino e formação pastoral, agências missionárias, entre outras. Segundo Wolfgang Simson, “a vida cotidiana das igrejas nos lares não requer mais organização, burocracia e cerimônias do que as famílias extensas comuns”.<sup>50</sup>

Existe uma intencionalidade na escolha em não se preocupar com estruturas institucionais e com os custos materiais e emocionais que estas demandam. Simson, ao refletir sobre este modelo, registra uma tabela em que são citadas treze razões que dariam preferência a esta proposta em relação ao modelo - aparentemente - semelhante, o da igreja em células. Nesta tabela, algumas características são apontadas como benefício para as igrejas nos lares: acéfala/sem chefes, espelha cultura de aldeia, unidades autônomas, programa focado em si mesma, estrutura plana, dirigida por presbíteros e apóstolos, descentralizada, com celebração opcional, focada nas pessoas do grupo.<sup>51</sup>

Parece que o anseio desta filosofia ministerial mantém-se na ideia de discricção, mobilidade e adaptação, mas que não se presume com isso falta de influência, como pode se deduzir nos comentários do autor de *Casas que transformam o mundo*, Wolfgang Simson: “As estruturas pouco impressionantes da igreja no lar não deveriam enganar ninguém a respeito do potencial espiritual, moral, econômico e até político que elas possuem”.<sup>52</sup> Diz, ainda, o autor: “O problema-chave das igrejas não é falta de dinheiro [...], mas o solo duro em nossa própria cabeça, os conceitos, as tradições e os rituais não questionados e assumidos irrefletidamente”.<sup>53</sup> O autor parece sugerir que esta proposta de filosofia ministerial não só aponta para ambientes relacionais como uma opção que poderia agir em concomitância com estruturas já existentes, pelo contrário, seria uma opção diante de uma desconfiança com parte das estruturas existentes, conforme este comentário de Simson: “A parcela maior da população simplesmente não leva mais a sério os peitinhos religiosos, capas e coroas litúrgicas, cruzes, túnicas, talares e títulos eclesiásticos”.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> SIMSOM, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo: igreja nos lares*. Curitiba: Cristã Evangélica, 2001. p. 96.

<sup>51</sup> SIMSOM, 2001, p. 146-166.

<sup>52</sup> SIMSOM, 2001, p. 253.

<sup>53</sup> SIMSOM, 2001, p. 205.

<sup>54</sup> SIMSOM, 2001, p. 263.

### 2.2.4 Uma experiência missionária com Pequenos Grupos: breve relato de ministério pessoal

Os batistas, tradicionalmente, são reconhecidos por duas áreas em que alcançam notório destaque, como afirmado acima: missões e ensino-aprendizagem bíblico. Tanto numa quanto noutra área, pode-se perceber nos inícios a presença de pequenos agrupamentos de pessoas. Na área de missões, é típico que uma nova congregação tenha em seus primeiros passos um número reduzido de pessoas, estas resultantes dos primeiros contatos de uma missionária, missionário ou de uma família missionária comissionada para uma determinada localidade. O mesmo ocorre com os primeiros estudos bíblicos propostos à comunidade em questão. Assim, é típico que se proponha uma reunião regular (normalmente, semanal) com ou sem auxílio de material de apoio educativo; no entanto, o foco dos encontros é o estudo da Bíblia, nos quais ocorre um aprofundamento em complexidade à medida que o grupo permanece se reunindo e dando continuidade à proposta. Assim foi, por muito tempo, rotina por meio de métodos e livros como *Evangelismo pioneiro*,<sup>55</sup> mas mantém-se perceptível nos atuais esforços para capacitação missionária e na revisão e retomada de publicações que dão suporte a estas iniciativas por meio de literatura como: *Maturidade cristã*,<sup>56</sup> *Núcleo de estudos bíblicos*,<sup>57</sup> *O que Jesus deseja que você faça*,<sup>58</sup> *Uma nova vida: e agora?*,<sup>59</sup> *Testemunho pessoal*,<sup>60</sup> entre outras tantas opções disponibilizadas no Brasil pela Junta de Missões Nacionais (JMN)<sup>61</sup> da Convenção Batista Brasileira (CBB).<sup>62</sup>

<sup>55</sup> AKINS, Thomas Wade. *Evangelismo pioneiro*. Rio de Janeiro: JMN, 1996.

<sup>56</sup> Junta de Missões Nacionais. *Maturidade cristã I*. Rio de Janeiro: JMN/CBB, (sem registro impresso do ano, mas provavelmente entre 2010 e 2011).

<sup>57</sup> Junta de Missões Nacionais. *Núcleo de estudos bíblicos*. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

<sup>58</sup> Junta de Missões Nacionais. *O que Jesus deseja que você faça*. Rio de Janeiro: JMN/CBB, (sem registro impresso do ano, mas provavelmente entre 2010 e 2011).

<sup>59</sup> Junta de Missões Nacionais. *Uma nova vida. E agora?* Rio de Janeiro: JMN/CBB, (sem registro impresso do ano, mas provavelmente entre 2010 e 2011).

<sup>60</sup> Junta de Missões Nacionais. *Testemunho pessoal*. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

<sup>61</sup> “Nossa história começou há mais de um século. No dia 25 de junho de 1907, durante a primeira assembleia da Convenção Batista Brasileira, na cidade de Salvador na Bahia, foi criada a Junta de Missões Nacionais. ‘A Constituição Provisória da nova Convenção, criada nos dias 22 a 27 de junho de 1907, expressa qual a vontade das igrejas representadas ali na Bahia: Unir todas as forças batistas do Brasil, em uma organização nacional maior, para o desenvolvimento e eficácia da pregação do Evangelho de Jesus Cristo segundo a nossa crença’. No artigo 2º, objetivamente é afirmado: o fim desta organização é promover missões domésticas e estrangeiras, e tudo mais que direta ou indiretamente tenha relação com o reino de nosso Senhor Jesus Cristo. Somos uma agência missionária pertencente às igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira”. Disponível em <http://www.missoesnacionais.org.br/publicacao.asp?codCanal=7>. Acesso em 01/03/11.

<sup>62</sup> “A CBB é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 7.000 igrejas, 4.000 missões e 1.350.000 fiéis. Como instituição, existe desde 1907, servindo às igrejas batistas brasileiras como sua estrutura de integração e seu espaço de identidade, comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos batistas do Brasil”. Disponível em [http://www.batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3&Itemid=10](http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=10). Acesso em 01/03/11.

A partir da formação/capacitação de pessoas por meio destes estudos bíblicos, as mesmas passam a ser encorajadas a passar adiante este conhecimento, formando um novo ciclo de missão pelo ensino-aprendizagem bíblico. No campo específico denominado como missão/evangelismo, convencionou-se chamar Evangelismo Pioneiro o processo missionário para edificação de uma nova congregação batista em local considerado não alcançado pela mensagem do evangelho de Cristo. O processo inicia com o comissionamento de uma missionária, um missionário ou uma família missionária que se responsabiliza pelo início de novos relacionamentos no novo campo missionário. Ele avança à medida que, a partir destes relacionamentos, as pessoas passam a estudar junto com a liderança missionária os ensinamentos bíblicos propostos, sempre visando à reprodução deste conhecimento por novas lideranças, exercendo influência entre as pessoas que assumem compromisso do viver com, por e para Cristo em meio à comunidade local (comumente, entre os batistas, usa-se para tal decisão os termos associados, e nesta sequência, conversão e discipulado).

Atualmente, muitas são as opções para iniciar uma nova comunidade de fé no meio batista. As opções de métodos para plantação de uma nova igreja local diferem justamente pela característica batista de autonomia da igreja local, o que dá identidade e grande liberdade de escolha de ação pastoral e missionária. Uma atual releitura do Evangelismo Pioneiro tem sido denominada de “Igreja Multiplicadora”.<sup>63</sup> O que une uma igreja batista local à outra é, basicamente, a comunhão e cooperação voluntária e o uso de mesma declaração doutrinária. Existem, no Brasil, algumas representações em níveis de associação por localidades, estados, regiões e/ou em nível nacional. O que pode acontecer e, de fato, ocorre, são mais de uma representação em um mesmo nível; nacional, por exemplo. Isto se deu nas ocasiões em que divergências doutrinárias foram se estabelecendo: uma sem tendências/práticas pentecostais, outra com tendências/práticas pentecostais, por exemplo.

Como não é intento deste trabalho detalhar, tampouco debater, o meio batista em seus pormenores, farei alguns comentários baseados em ministério pessoal realizado num bairro de Porto Alegre, sem interesse, no entanto, de atrelá-los a uma ou outra das representações batistas, pois o mesmo pode ser assimilado ou compreendido sem

<sup>63</sup> “A estratégia de multiplicação de igrejas é bíblica! Não estamos dizendo que a visão é a salvação de todas as pessoas numa determinada área é a plantação de uma igreja, mas a visão é a multiplicação de discípulos que façam outros discípulos e a plantação de igrejas que se multipliquem em outras igrejas numa área-alvo, de modo suficiente para dar a cada pessoa uma oportunidade de conhecer Jesus pessoalmente e segui-lo na comunhão de uma igreja em que possa amadurecer como discípulo e glorificar a Cristo com os seus dons e serviço, como um crente fiel”. Disponível em [http://www.jmn.org.br/publicacao.asp?codCanal=11&codigo=36651&codigo\\_pai=13](http://www.jmn.org.br/publicacao.asp?codCanal=11&codigo=36651&codigo_pai=13). Acesso em 01/03/11.

interferência ou dependência na declaração doutrinária.

Desde o início de nossa atuação como família missionária, percebemos uma verdade simples e objetiva para a realidade porto-alegrense: as pessoas percebem quando as estão “comprando” com prédios e conforto. O que - em discurso - “promove vínculos”, mais tarde pode reforçar relações vazias motivadas para as coisas e não para as pessoas. Deposita-se muita “fé”, ainda, no poder de atração de prédios e infraestruturas (e suas características como conforto, iluminação, etc.) ou em sua localização. Obviamente que a estrutura em algum momento torna-se importante, no entanto, tê-la como motivação primeira tem dado oportunidade para frustrações e sentimento de impotência diante da incapacidade de repetir grandes feitos de mega e/ou midiáticas igrejas.

Contrariando esta tendência/opção, percebemos que poderíamos lançar mão de nossos próprios relacionamentos já existentes: a família, as amizades, a vizinhança, os colegas de trabalho e de estudos, os conhecidos, os clientes e fornecedores, etc. Assim, naturalmente, algumas das barreiras e estruturas necessárias para inícios de relacionamentos fazem-se não essenciais ou podem ser facilmente superadas. Uma das reflexões-chaves que fazíamos era: “*Se pudermos nos convidar para jantar na casa de uma determinada pessoa/família, poderemos dar mais um passo no intento de iniciar relacionamentos visando o nascedouro de uma nova comunidade de fé*”. Desta forma, percebeu-se a oportunidade de antecipar, sim, a manutenção e ampliação de relacionamentos pessoais, e não a construção de prédios e/ou uma incessante busca de espaços públicos para a ação efetiva da igreja em missão.

O resultado imediato percebido foi o de que a igreja local, mesmo que iniciante em suas ações, e sem prédio, era percebida e conhecida pelas pessoas em seu raio de ação e influência. Isto demonstrou um potencial relacional no projeto missionário, ou seja, aquilo que estamos percebendo como igreja-organismo. Ao mesmo tempo, salientou o equívoco que representa dispensar o aspecto relacional ou terceirizá-lo a um departamento da igreja-organização (a instituição em si). É certo que, mais cedo ou mais tarde, com o crescimento dos relacionamentos, nesta comunidade, será necessário, então, especular sobre uma identidade institucional, baseado em imagem institucional, endereço, prédio e organização estrutural. Se assim ocorrer, entende-se que um saudável processo está ocorrendo, pois os anseios e resoluções passam pela comunidade de fé que se inicia. E esta se percebe como igreja, integralmente.

No entanto, não deixo de reconhecer que métodos devem estar atrelados à realidade da comunidade em questão. Existem muitas oportunidades e para cada uma

delas uma abordagem deve ser estudada. Encerra-se esta descrição com a partilha que entendo essencial na lida missionária, um sentimento que deve perseguir toda pessoa que se interessa - genuinamente - pela cooperação na Missão de Deus, ou seja, participação na reconciliação plena do Pai com a humanidade, por meio de Cristo Jesus. Este sentimento traduz-se no constrangimento sentido a certa altura do livro *Pedagogia da esperança*, de Paulo Freire, quando expõe e expõe-se, diante da falta de contato fidedigno com seu interlocutor:

Baseando-me num excelente estudo de Piaget sobre o código moral da criança e sua representação moral de castigo e este, falei longamente citando o próprio Piaget, sobre o assunto, defendendo uma dialógica, amorosa, entre pais, mães, filhas, filhos, que fosse substituindo o uso dos castigos violentos. [...] Ao terminar, um homem jovem ainda, de uns 40 anos, mas já gasto, pediu a palavra e me deu talvez a mais clara e contundente lição que já recebi em minha vida de educador. [...] ‘Acabamos de escutar’, começou ele, ‘umas palavras bonitas do Dr. Paulo Freire. Palavras bonitas mesmo. Bem ditas. Umas até simples, que a gente entende fácil. Outras, mais complicadas, mas deu pra entender as coisas mais importantes que elas todas juntas dizem’.<sup>64</sup>

O homem descrito por Freire segue seu discurso, esclarecendo, em outras palavras, sobre a necessidade de adequação da explanação de uma ideia à realidade daquelas pessoas que a escutam. Ele o faz por meio de perguntas como: “*Dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?*”.<sup>65</sup> A natural sequência do texto antecipa a importância deste aprendizado, a necessidade de aprender e apreender ao perceber-se questionado pelas outras pessoas.

Nas idas e vindas da fala, na sintaxe operária, na prosódia, nos movimentos do corpo, nas mãos do orador, nas metáforas tão comuns ao discurso popular, ele chamava a atenção do educador ali em frente, sentado, calado, se afundando em sua cadeira, para a necessidade de que, ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo. [...] Mais ainda, compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 25-26.

<sup>65</sup> FREIRE, 1997, p. 26.

<sup>66</sup> FREIRE, 1997, p. 27-28.

Mas o que poderia motivar Paulo Freire a preterir todas as suas competências, influências e referências teóricas para, por meio deste homem, cujo nome sequer é lembrado, dizer-nos que dele ouviu sua mais contundente lição? Bem, o próprio educador responde, e diz-nos ter feito um discurso embasado sim, mas que, no entanto, fora restrito à sua pessoal experiência apenas. Assim, o que o fato traz à tona é uma lição que, mesmo extraída da área educacional, pode ser assimilada com plena aderência à área da prática missionária. É preciso levar em conta a realidade do outro, a vida, a pessoa, as experiências desse outro. Em qualquer discurso, em qualquer ação, individual ou comunitária, precisa-se fazê-lo, sob o risco de dizer e ser ouvido, mas não a ponto de gerar boa comunicação e, posteriormente, transformação alguma. Evangelho, porém, é comunicação de uma boa notícia que deve ser assim percebida pelo outro a partir do seu contexto, do contrário, sempre será algo externo, doutrinal e não vivencial.

Encerro com uma pergunta, talvez para muitos e também para este que agora escreve, um dos maiores e permanentes problemas na missão: Será que entendemos a quem estamos anunciando esperança? E mais, será que queremos entender a outra pessoa a quem queremos anunciar esperança, ou simplesmente a vemos como um número, um algarismo que vai recheiar um relatório no final da temporada missionária? O autor deste artigo não deseja responder, aqui, agora, a estas perguntas, mas elas são como um fio condutor de sua reflexão a partir da prática missionária em que está engajado.

## REFERÊNCIAS

AKINS, Thomas Wade. **Evangelismo pioneiro**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. NTLH. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. São Paulo: Vozes, 1988.

BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Eds.). **Dicionário brasileiro de teologia**.

São Paulo: ASTE, 2008.

BRANDT, Hermann. **Espiritualidade: vivência da graça**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja**. São Paulo: Vida, 2006.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Aconselhamento cristão em tempos de crise**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã**. São Paulo: Vida, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça: parceria na missão de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherit Fee. **Dicionário de teologia**. São Paulo: Vida, 2004.

HOCH, Lothar; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. **Maturidade cristã I**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

\_\_\_\_\_. **Núcleo de estudos bíblicos**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que Jesus deseja que você faça**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

\_\_\_\_\_. **Uma nova vida**. E agora? Rio de Janeiro: JMN/CBB, s/a.

\_\_\_\_\_. **Testemunho pessoal**. Rio de Janeiro: JMN/CBB, 2010.

MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS. **O ano da transição**: vamos mostrar a você como fazer!!! Módulo I. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

PIRAGINE JUNIOR, Paschoal. **Crescimento integral da igreja**: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões. São Paulo: Vida, 2006.

SCHWARZ, Christian. **O ABC do desenvolvimento natural da igreja**. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.

SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.

SIMSOM, Wolfgang. **Casas que transformam o mundo**: igreja nos lares. Curitiba: Cristã Evangélica, 2001.

SOUZA, Sócrates Oliveria de (Org.). **Pacto de comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

STOCKSTILL, Larry. **A igreja em células**. Belo Horizonte: Betânia, 2000.

STORNILO, Ivo. **Didaqué**: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 2008.

STRÖHER, Marga J. **A igreja na casa dela** - papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG/EST, 1996.

ULBRICH, Armand. **Como construir uma congregação eficiente**. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

ZIMPEL, Rogério R. *Aprendendo a lidar com o estresse*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.